



A COR DA IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA: W.E.B. DU BOIS, STUART HALL E A SOCIOLOGIA DE-SEGREGANTE¹

*Les Back*²

*Maggie Tate*³

*Tradução: Carolina Nascimento de Melo*⁴

*Revisão da tradução: Angelo Martins Jr*⁵

Resumo: O racismo e a segregação intelectual limitam e dividem a tradição sociológica. A corrente principal da sociologia branca ignorou historicamente a contribuição dos sociólogos negros e hoje confere a discussão do racismo a um subcampo especializado. Os sociólogos negros, em contraste, há muito tempo estão atentos às correntes sociológicas principais e hegemônicas, ou seja, a sociologia branca. Por meio de uma discussão dos escritos de W.E.B. Du Bois e Stuart Hall e seus respectivos diálogos com figuras como Max Weber e C. Wright Mills, argumenta-se a favor de uma reconstrução profunda da sociologia, tanto no nível da análise quanto da forma, para que ocorra mudanças na maneira como a sociologia fala sobre o racismo e a sociedade como um todo.

Palavras-chave: raça; racismo; W.E.B. Du Bois, Stuart Hall, segregação acadêmica; sociólogos negros.

THE COLOUR OF THE SOCIOLOGICAL IMAGINATION: W.E.B. DU BOIS, STUART HALL AND DE-SEGREGATING SOCIOLOGY

¹ Título original: The Colour of the Sociological Imagination: W.E.B. Du Bois, Stuart Hall and De-segregating Sociology. Artigo baseado na palestra pública ofertada por Les Back na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 22 de agosto de 2018.

² Les Back Professor na Goldsmiths College, University of London. E-mail: l.back@gold.ac.uk

³ Maggie Tate é associada ao Departamento de Sociologia na University of Texas, em Austin. E-mail: magtate@gmail.com

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e membro do grupo de pesquisa Transnacionalismo Negro e Diáspora Africana. Estudos da Diáspora vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (NEAB/UFSCar). E-mail: melo.n.carolina@gmail.com

⁵ Pesquisador Associado da *School of Sociology Politics and International Studies, University of Bristol*, Reino Unido. E-mail: angelo.martinsjunior@bristol.ac.uk



Abstract: Racism and intellectual segregation limit and divide the sociological tradition. The white sociological mainstream historically ignored the contribution of black sociologists and today it confers the discussion of racism to a specialist sub-field. Black sociologists by contrast have long been attentive to the main and hegemonic sociological currents, that is, white sociology. Through a discussion of the writings of W.E.B Du Bois and Stuart Hall and their respective dialogues with figures like Max Weber and C Wright Mills, an argument is made for a profound reconstruction of sociology at both the level of analysis and of form that changes the way sociology tells about racism and society as a whole.

Keywords: race and racism; W.E.B. Du Bois; Stuart Hall; academic segregation; black sociologists.

ESPANHOL

Resumen: El racismo y la segregación intelectual limitan y dividen la tradición sociológica. La corriente principal de la sociología blanca históricamente ignoró la contribución de los sociólogos negros y hoy confiere la discusión del racismo a un subcampo especializado. Los sociólogos negros, por el contrario, han estado atentos durante mucho tiempo a las corrientes sociológicas principales y hegemónicas, es decir, la sociología blanca. A través de una discusión de los escritos de WEB Du Bois y Stuart Hall y sus respectivos diálogos con figuras como Max Weber y C Wright Mills, se argumenta a favor de una reconstrucción profunda de la sociología tanto a nivel de análisis como de forma que cambie el camino que la sociología habla sobre el racismo y la sociedad en su conjunto.

Palabras clave: raza y racismo; WEB. Du Bois; Stuart Hall; segregación académica; sociólogos negros.

FRANÇÊS

Résumé: Le racisme et la ségrégation intellectuelle limitent et divisent la tradition sociologique. Le courant sociologique blanc a historiquement ignoré la contribution des sociologues noirs et confère aujourd'hui la discussion du racisme à un sous-domaine spécialisé. Les sociologues noirs, par contre, ont longtemps été attentifs aux principaux courants sociologiques hégémoniques, c'est-à-dire à la sociologie blanche. A travers d'une discussion des écrits de WEB Du Bois et Stuart Hall et de leurs dialogues respectifs avec des personnalités comme Max Weber et C Wright Mills, un argument est avancé pour une reconstruction profonde de la sociologie tant au niveau de l'analyse que de la forme qui change la voie qui la sociologie parle du racisme et de la société dans son ensemble.

Mots-clés: race et racisme; W.E.B. Du Bois; Stuart Hall; ségrégation académique; sociologues noirs.



Uma tempestade está se formando em torno das questões raciais e do racismo dentro da *Republic of Sociological Letters*.⁶ É muito mais que um vendaval que sopra periodicamente pelas pilhas de periódicos, colóquios e conferências quando os/as estudantes de cor e seus aliados são levados ao limite. Desta vez, está mexendo na nova escrita crítica, em como a autoridade acadêmica é colonizada pelas normas somáticas brancas na universidade e como as desigualdades de classe, raça e gênero estruturam a academia em todo o mundo. Em partes, o desafio é como reconhecer as raízes intelectuais da sociologia na Europa Ocidental enquanto, ao mesmo tempo, não ser retido por elas. Como conseguir que a imaginação sociológica seja desenvolvida além dessas limitações, se expanda e se adapte a uma escala mundial?

Sara Ahmed (2012) desconstrói essas formas de poder e expectativas racializadas que vêm delas para mostrar como um novo conhecimento emerge das lutas para alcançar mudanças reais. Igualmente, Yasmin Gunaratnam (2015) descreve as consequências que isso tem para as feministas negras acadêmicas que, como resultado das expectativas racializadas que colocam sobre elas, experienciam as sensações físicas e afetivas das pessoas de cor quando em um púlpito, o que elas chamam de “febre da apresentação”. Isso está associado, e serve para ilustrar, tanto a sub-representação das pessoas de cor dentro das universidades quanto a longa natureza eurocêntrica dos currículos (Richards, 2013; 2014).

Nos Estados Unidos dos anos 1970, uma tempestade similar coincidiu com o livro de Joyce Ladner, professora da *Howard University*, intitulado, com um otimismo prematuro, *The Dead of White Sociology* (1973). Deixe-me esclarecer: isso não se trata de uma chamada para expulsar os/as intelectuais brancos/as mas, antes, era e continua sendo sobre como a *coloração da imaginação* confinou a pesquisa sociológica em formas que, muitas vezes, eram prejudiciais aos próprios temas estudados. Os/As estudiosos/as negros/as dessa coleção seminal levaram a sociologia branca a resolver suas distorções da história negra e das caracterizações patológicas das comunidades negras. Dez anos depois, houve outra no Reino Unido, coincidindo com a publicação do *Empire Strikes Back* (1982), por um coletivo de jovens pesquisadores do *Centre For Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em Birmingham. Errol Lawrence argumenta que a sociologia

⁶ *Republic of Letters* (Republica das Letras): Eram as redes de correspondência que se estendiam pelos países e continentes criadas, principalmente, pelas academias científicas.



britânica foi cúmplice em reproduzir patologias raciais, ao mesmo tempo que era incapaz de descrever a rica e complexa experiência cultural diante dela (LAWRENCE, 1982). A turbulência produzida por cada um desses livros relata o fracasso da disciplina em conduzir uma profunda reconstrução intelectual em volta dos problemas da produção do conhecimento e racismo. Como consequência, a sociologia nos Estados Unidos, assim como na Europa, permanece assombrada e constrangida por sua incapacidade de abalar a branquitude colonizadora que continua a colorir sua imaginação.

Nós queremos argumentar que a sociologia no Brasil também é marcada por esse legado. Aqui parece que a diversidade de estudantes na sala de aula, impulsionada pelo sucesso das ações afirmativas, ampliou o círculo social da sociologia. Contudo, como em outras partes do mundo, o corpo docente e o currículo é colorido de maneira racialmente monocromática, o que limita o espectro da imaginação sociológica. Gurminder Bhambra, em sua recapitulação da sociologia americana, precipitada pelas celebrações de cem anos da disciplina, concluiu que lá há duas duradouras tradições institucionalmente distintas – uma negra e uma branca. Embora Bhambra notasse algumas exceções – particularmente em relação ao trabalho de Robert Blauner e David Wellman –, ela argumenta que a sociologia branca: “falhou em endereçar as questões da raça nos Estados Unidos ou criar um espaço de discussões diversificadas dentro dos departamentos de sociologia nas universidades historicamente brancas” (BHAMBRA, 2014a, p. 2). Omitindo a raça do entendimento da sociologia enquanto disciplina se fez um desserviço para as complexas “pequenas genealogias de inclusão e exclusão” evidentes na história da sociologia na América (BHAMBRA, 2014a, p. 6)⁷. Por exemplo, Robert E. Park, o renomado sociólogo urbano de Chicago, trabalhou para Booker T. Washington e o Instituto Tuskegee entre 1905 e 1912 como publicitário político, e há pouca valorização de como essa experiência formou Park e seu trabalho na Universidade de Chicago.

O biógrafo Winifred Raushenbush (1979) demonstrou, por exemplo, que sem a oferta de trabalho de Booker T. Washington, provavelmente Park não teria se tornado um sociólogo. Depois da graduação na Universidade de Michigan em 1887, Park passou sete anos como jornalista, período em que desenvolveu a reputação de repórter obstinado e irreverente. Quando Park conheceu Washington, o segundo estava envolvido no *Congo*

⁷Ver também STEINBERG, S. Capítulos I e II. In: _____. *Race Relations: A Critique*. Stanford: Stanford University Press, 2007.



Reform Association e planejava ocupar um cargo na escola industrial de Lovedale, África do Sul. Um fato interessante é que o trabalho que Park aceitou foi oferecido em 1902 a ninguém menos que William Edward Burghardt Du Bois – o qual recusou a proposta. Em uma carta escrita por Robert Park endereçada a Booker T. Washington antes de sua saída da Tuskegee, em 1912, ele escreveu a profundidade de sua dívida: “Eu sinto e devo sempre sentir que eu pertencço, de certa forma, a raça negra e devo continuar a compartilhar, através do bem e do mal, todas suas alegrias e tristezas (...). Eu sinto que sou um homem melhor por ter estado aqui” (PARK *apud* RAUSHENBUSH, 1979, p. 63). Park não duvidava que o fato dele ter se tornar um sociólogo melhor era resultado dos anos que ele passou com Washington, apesar de não ter reconhecido isso nos seus escritos posteriores. Ele ficaria ao lado de Washington como um ‘homem de coragem’, em relação a W.E.B. Du Bois e a direção da luta pelos direitos civis. Park reconheceu Du Bois como uma figura política significativa, mas nunca citou ou creditou a influência das ideias e trabalhos sociológicos de Du Bois (DRAKE, 1983; MORRIS, 2015).

Enquanto Du Bois foi largamente negligenciado pela sociológica branca hegemônica, Robert Park é celebrado como sendo uma das figuras fundadoras da disciplina nos estudos raciais. Da influência de seu tempo com Washington e seu sentimento de pertencimento a ‘raça negra’, Park aproveitou sua posição legitimada para desenvolver a teoria do *ciclo de relações raciais*. Ecoando os escritos anteriores de Washington, **Park afirmou que a adaptação a uma ordem racial desigual era uma fase necessária no caminho para uma eventual e inevitável assimilação. Essas histórias importam porque mostram como a complexa formação inter-racial da sociologia é “branqueada” e as contribuições dos sociólogos negros continuam sendo ignoradas ou apagadas.** A profunda injustiça é que, a partir do século XIX, a sociologia branca se desviou das questões da raça e racismo enquanto sociólogos negros estavam lendo e sendo atentos aos desenvolvimentos dentro da sociologia *mainstream*. Ao invés de uma análise sociológica central, raça e racismo se tornaram um mero tópico perdido dentro das proliferações das subespecialidades (SAID, 1996).

O modelo *ciclo de relações raciais* de Park desvia a atenção sociológica para longe do racismo sistêmico e opressão racial, optando por um termo mais benigno, o das “relações raciais”. Isso também levou a uma perspectiva de pesquisa racial que focava no progresso racial, ao invés da opressão racial. **Essa teoria e essa marca no estudo**



sociológico da raça foram criticadas como um entendimento funcionalista e a-histórico da raça que falha em entender os fundamentos sistêmicos do racismo (Lyman, 1973). Além disso, Park defendeu a sociologia como imparcial e apolítica, afirmando que na sociologia não havia espaço para propaganda – perspectiva que se alinha com o desenvolvimento da cultura disciplinar da sociologia. Park desempenhou um papel importante no desenvolvimento da sociologia no Brasil onde ele é considerado por muitos como pai da Sociologia Urbana. A influência de Park no Brasil foi documentada por Licia do Prado Valladares no seu estudo *A sociologia urbana de Robert E. Park* (2018).

Park visitou o Brasil em 1937 e fez algumas palestras no Rio de Janeiro e na Bahia (Valladares, 2010). Lá, ele conheceu e viajou ao longo da região baiana com Donald Pierson cujo qual fazia sua pesquisa de doutorado. Esse encontro, pouco conhecido, também resultou em Pierson sendo convidado por Park a ir à *Fisk University* em Nashville, onde ele passou dois anos terminando de escrever seu estudo *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact in Bahia*, publicado em 1942. Winifred Raushenbush, biógrafo de Park, notou que a esposa de Pierson, Helen, agiu como chofer para Park – que não sabia dirigir - como parte do acordo, levando-o a compromissos pela cidade no seu Ford V8 (RAUSHENBUSH 1979, p. 153).

Nos Estados Unidos, Park também foi professor e mentor de sociólogos negros como Charles Johnson e E. Franklin Frazier. Charles, que contribuiu na produção do livro *The Negro in Chicago: A Study of Race Relations and a Race Riot*, publicado em 1922 pela *University of Chicago Press*, resumiu a personalidade de Park da seguinte maneira:

Se alguém cometesse o erro de chamá-lo de “benfeitor da raça” ou humanitário, ou amigo dos Negros, Dr. Park liberaria uma irritação torrencial de um vocabulário privado, sem censura e com repulsa de um velho repórter. Vigoroso, robusto, imponente na aparência e, muitas vezes, superficialmente ríspido, detestava o sentimentalismo e as declarações bajuladoras, de simpatia, pelos negros. Ainda sim, ele tinha um coração gentil como uma mãe... Ele, ocasionalmente, surpreendia o sofisticado público negro dizendo que não estava ‘interessado em raça’. Similarmente, ele poderia surpreender um público branco dizendo que não estava interessado nos negros, mas na América, acrescentando que sua preocupação com o status e injustiças dos negros era a expressão mais elevada de seu patriotismo (JOHNSON *apud* RAUSHENBUSH, 1979, p. 157).

Park e seus colegas se associaram a Universidade de Chicago quando a sociologia americana estava ainda na sua “primeira infância”. Como Charles Morris (2015)



argumentou, os resultados das tradições radicais dentro da sociologia negra foram largamente descartados ou ignorados pela convencional. Apesar das intenções, **o legado desse modelo de relações raciais foi a construção sociológica de comunidades negras patológicas, as quais falharam na assimilação social, não por causa do racismo sistêmico, mas por causa das inaptidões culturais internas.** Barnor Hesse argumenta, com perspicácia, que “a narrativa sociológica de racismo é analiticamente branca quando exclui comentários históricos e contemporâneos sobre a ordem colonial-racial do Ocidente” (Hesse, 2014, p. 143). Em contraste, para Hesse, perspectivas sociológicas são analiticamente negras quando elas interrogam a normatividade da dominação branca e explora os processos racializados que estão no cerne das formações sociais modernas.

Antes de retornarmos as agitações da situação atual, primeiro mostramos o que pode ser aprendido com um compromisso sério com as figuras fundadoras da *tradição sociológica negra* [grifos meus], particularmente o ativista e autor W.E.B. Du Bois. Como observou Bhambra (2014b), Du Bois é frequentemente mencionado de passagem, mas raramente o acionam com seriedade como uma das figuras fundadoras da sociologia. Olhando detalhadamente para a sua carreira de escritor, exploramos como ele trabalhou dentro e além do confinamento da sociologia acadêmica e escreveu em variados estilos, dependendo do contexto e público. Em seguida, exploramos a relação entre Du Bois e Stuart Hall, figura mais contemporânea.

Há inúmeras razões para se pensar a ligação entre W.E.B. Du Bois e Stuart Hall em relação aos seus respectivos pensamentos sociológicos e ativismo social. Embora, em muitos aspectos, seus trabalhos e vidas sejam bem diferentes, ambos pensadores operaram dentro de contextos sociológicos, mas não confinados a eles. Igualmente, ambos criticaram os limites da sociologia. Ambos argumentaram que a escravidão, os impérios e o racismo são fundamentais para o entendimento das sociedades desiguais nas quais eles viveram e trabalharam. Ambos, Du Bois e Hall, também entenderam a conexão entre racismo e questões de gênero e sexualidade, encorajando uma visão menos androcêntrica de sociedade. Embora não desenvolvamos esse tema, uma variedade de estudiosos/as comentou a abertura e relevância do pensamento de Du Bois e Stuart Hall para os estudos do feminismo negro e seu ativismo (JAMES, 1996; TOWNSEND GILKES, 1996; GILLMAN & WEINBAUM, 2007; MEDIA DIVERSIFIED, 2014). Finalmente, para a proposta de imaginar como uma sociologia reconstruída deveria



parecer, nós comparamos como esses dois intelectuais operaram e expressaram suas ideias dentro de uma ampla variedade de modos de escrever e dizer sobre a sociedade.

Du Bois foi um sociólogo que usava e também se libertava das convenções retóricas das ciências sociais. Essa foi uma prática ousada, dado o apego que a sociologia americana tinha ao mito da objetividade. Os programas de sociologia eram novos no *establishment* acadêmico e, frequentemente, contaram com a separação artificial entre política e ciências sociais para encontrar legitimidade nas universidades americanas (STEINBERG, 2007). Du Bois, também foi o primeiro intelectual afro-americano a conduzir vastas pesquisas empíricas. Em muitos aspectos, Du Bois buscou combater e resolver questões relacionadas a missão pública da sociologia para além dos limites da academia, há mais de cem anos atrás. Argumentamos que em seus trabalhos há pistas que podem ser encontradas sobre como os pesquisadores contemporâneos podem desenvolver estratégias mais criativas para pensar e dizer. Nós argumentamos que a reconstrução da sociologia envolve não só uma de-segregação, mas, também, inovação nas formas literárias da escrita intelectual.

No que seguimos, nós desenvolvemos três argumentos principais a respeito de como uma reconstrução intelectual pode ocorrer. Primeiro, sugerimos que, através de revisitações e repensando as tradições e história da disciplina por meio das figuras de W.E.B. Du Bois e Stuart Hall, é possível construir uma visão alternativa da sociologia, a qual trabalha com outras capacidades de dizer sobre a sociedade para além das fronteiras das disciplinas. Segundo, identificamos como, sob uma série de pressões contemporâneas – que vai dos processos de profissionalização às culturas de auditoria acadêmica – a imaginação sociológica corre o risco de ser restringida e fechada. E, por fim, nós trazemos de volta alguns pontos de inspiração sobre o que a sociologia pode se tornar.

O FANTASMA DE SAM HOSE⁸: A SOCIOLOGIA DE W.E.B. DU BOIS

⁸ Sam Hose foi um dos mais de 4.400 mil afro-americanos linchados entre 1877 e 1950 em locais públicos nos EUA. Sam Hose foi brutalmente assassinado depois de ser acusado de ter matado e estuprado seus empregadores após uma discussão. Em 26 de abril de 1899, mais de 4.000 pessoas foram a Newnan, Georgia para assistir à execução pública. Mesmo não tendo sido comprovado o crime, Sam Hose foi desnudado, preso em uma árvore e, antes de ser queimado vivo, teve suas orelhas, dedos e genitais cortados. Depois de morto, retiraram e cortaram seu coração e fígado, que foram distribuídos pelos presentes.



Du Bois nasceu em 23 de fevereiro de 1868 e faleceu em 27 de agosto de 1963 na véspera da Marcha de Washington, primeira passeata pelos direitos civis. Em grande parte, Du Bois foi deixado de fora do cânone da sociologia americana, apesar da influência que teve sobre figuras como Robert Park, Horace Cayton, St Clair Drake e Gunnar Myrdal. Ele também foi amigo de Max Weber, que conheceu enquanto estudava na Alemanha. Durante sua longa vida, ele escreveu uma quantidade imensa de trabalhos, perto de 2000 entradas bibliográficas, que abrangem uma ampla variedade de gêneros, incluindo pesquisas monográficas, histórias sociais, novelas, poemas, panfletos e artigos jornalísticos. É a heterogeneidade do trabalho intelectual de Du Bois que queremos endereçar aqui, particularmente suas trocas de gêneros para fazer intervenções públicas.

Du Bois foi exposto às formas emergentes da investigação social quando se tornou associado à sociologia, ainda em Harvard, quando se graduou em História em 1890, e depois na *University of Berlim*, entre 1892 e 1894. Ele foi um dos cinco estudantes a falar nos *commencement exercises* em Harvard, onde seu tópico foi a discussão sobre a escravidão através da figura de Jefferson Davis, presidente dos Estados Confederados. A revista *Nation* reportou que Du Bois falou com “absoluto bom gosto, ótima moderação e uma imparcialidade quase desdenhosa” (NATION, 1971, p. 18). Em 1895, Du Bois se tornou a primeira pessoa negra a conseguir um doutorado em Harvard. Esse também é o ano que ele começou a trabalhar no *Philadelphia Negro*, a primeira investigação social séria sobre uma comunidade urbana. Sua visão de ciência social era tanto utópica quanto pragmática:

O problema negro⁹ era, na minha mente, uma questão de investigação sistêmica e entendimento inteligente. O mundo esteve pensando errado sobre raça, porque não sabia. A maldade final é a estupidez. A cura para isso era o conhecimento baseado na investigação científica (DU BOIS, 1940, p. 58)

The Philadelphia Negro foi publicado em 1899 e teve uma aclamação considerável e certa preocupação por parte de críticos brancos. É importante lembrar que a publicação se deu apenas dois anos depois que Émile Durkheim publicou seu clássico *O suicídio*. O livro de Du Bois é um surpreendente apanhado de informações quantitativas e qualitativas da vida negra e relações raciais na Filadélfia. Em muitos aspectos, o livro

⁹ A literatura do período trabalha com o termo “The Negro Problem”. Ver mais em: WASHINGTON, B. T. *The Negro Problem: a series of articles by representative American Negroes of today*. Nova Iorque: J. Pott & Co., 1903



forneceu um esboço para o tipo de sociologia urbana que seria desenvolvida depois pela famosa *University of Chicago* sob a orientação de Park and Burgess. O que é impressionante é o modo que o texto é construído dentro da retórica do pragmatismo e método científico.

Nos anos de 1890, várias instituições educacionais negras do sul começaram a conduzir pesquisas sobre as condições das comunidades negras rurais. Após finalizar seu trabalho na Filadélfia, Du Bois foi convidado a coordenar o centro de pesquisa da *University of Atlanta*, onde ele estabeleceu um programa ambicioso de cem anos de estudo. Em sua autobiografia, ele refletiu:

Eu propus, gradualmente, ampliar e intensificar o estudo, afiar as ferramentas de investigação e aperfeiçoar nosso método de trabalho, para que tivéssemos um corpo crescente de fatos cientificamente comprovados, em vez da massa vaga dos chamados problemas dos negros. E através dessa experiência laboral, eu esperava tornar as leis do viver social claras e mais definidas (DU BOIS, 1968, p. 217)

Durante dezoito anos, Du Bois esteve à frente dos estudos da [escola de] Atlanta. Vale ressaltar que esse sofisticado trabalho foi conduzido em um período no qual a sociologia americana estava nos seus primórdios. Du Bois, pelo menos inicialmente, tinha fé que os pesquisadores brancos compartilhavam sua visão de uma cultura intelectual que poderia se mover além das divisões raciais. Ele via que a *University of Atlanta* tinha uma missão cultural em relação as políticas de liberdade acadêmica e crítica social. Mas, nos anos violentos do final do século, um incidente teve um efeito duradouro na fé que Du Bois tinha em relação ao papel da ciência e da razão na conquista do progresso social. Tal incidente envolveu uma situação delicada de um trabalhador rural negro e analfabeto em Georgia, chamado Sam Hose. Sam Hose havia matado seu patrão branco, Alfred Cranford, e era acusado de atacar a esposa de Cranford.

Du Bois se comprometeu a registrar as evidências apropriadas e as circunstâncias atenuantes do crime de Hose. Em *The Autobiography of W.E.B. Du Bois*, ele descreve:

eu escrevi uma cuidadosa e racional declaração acerca de fatos evidentes e fui ao Escritório Constitucional de Atlanta, carregando no meu bolso uma carta de apresentação à Joel Chandler Harris. Eu não cheguei lá [a tempo]. No caminho as notícias me encontraram: Sam Hose foi linchado, e me disseram que suas juntas estavam em exibição na mercearia, logo abaixo, na Rua Mitchell, onde eu caminhava. Eu retornei à universidade. Comecei a me afastar do meu trabalho (DU BOIS, 1940, p. 34).



Essa experiência trouxe à tona o barbarismo da supremacia branca. Ele não poderia ser um cientista social independente, ou mesmo ‘desdenhosamente imparcial’, enquanto pessoas negras, como Sam Hose, eram linchadas, brutalizadas e passavam fome. A pesquisa que ele conduzia constituía apenas ‘uma pequena parte da soma das ocorrências’; a qual estava muito longe da ‘realidade candente da vida real’. Ele começou reavaliando o papel da ciência: “Eu reparei que era axiomático que aquele mundo queria aprender a verdade e, se a verdade era buscada com precisão aproximada e devoção meticulosa, o mundo apoiaria tal esforço com bom grado. Isso era, claramente, o idealismo de um jovem” (DU BOIS, 1940, p. 222). Embora essas experiências deslocavam Du Bois de seu comprometimento com a ciência social, ele não rompeu com a ciência. Ele retornaria a Atlanta nos anos 1930 para escrever definitivamente a história do *The Black Reconstruction* (Du Bois, 1934). Mas, foi nesse momento que ele se tornou um homem das cartas, um ensaísta e contribuidor de jornais populares. Ele foi empurrado para o reino das lutas políticas e de liderança dentro do movimento emergente pelo progresso dos americanos negros e, em particular, com Booker T. Washington, que se tornou seu adversário. O que era significativo é que ele fez isso escrevendo e contando as realidades da *linha de cor*.¹⁰

Du Bois desenvolveu meios de falar sobre as experiências das pessoas negras, comprometido com uma sensibilidade sociológica extensa e capaz de falar com a dor pessoal do racismo, ao lado de questões políticas e culturais. Ele alcançou uma forma literária e uma voz informada pelas compreensões históricas e sociológicas, mas, também, atraente e com um diferente tipo de força afetiva. Em abril de 1903, a editora A.C. McClung, com sede em Chicago, publicou uma coleção de ensaios de Du Bois intitulada *The Souls of The Black Folks*. Com a exceção de uma parte que foi escrita especialmente para o formato de livro, estes artigos apareceram em vários jornais populares. A coleção foi consumida vorazmente por leitores famintos pelo que Du Bois tinha a dizer; e, entre 1903 e 1905, já havia, ao menos, seis impressões extras da edição do livro. A demanda e

¹⁰ Um dos conceitos principais e mais conhecidos de Du Bois. A primeira vez que ele utilizou o conceito foi no *The Philadelphia Negro*, onde ele discutia as interações sociais entre brancos e negros da cidade. Ele discutia os dilemas sociais dos afro-americanos que viviam em um lugar segregado. Na obra *The Souls of the Black Folk* (1903), ele defende que o problema do século XX seria o da linha de cor e as relações entre as pessoas claras e escuras ao redor do mundo. E no ensaio *The Negro and the Warsaw Ghetto* (1949), ele afirmou que a linha de cor era responsável eficiente pela miséria.



admiração pelo seu trabalho foi extraordinária, incluindo de Max Weber que visitou Du Bois em 1904. Ao retornar para Heidelberg, Weber escreveu para Du Bois em 30 de março de 1905: “Seu esplêndido trabalho: *The Souls of The Black Folks* deveria ser traduzido para o alemão” (WEBER *apud* APTHEKER, 1997, p. 106). Demorou mais de cem anos para isso acontecer, mas Weber publicou um ensaio de Du Bois um ano depois na revista que era editor, o *Archiv fur Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (Du Bois, 2003). Igualmente, foi somente em 1999 que *The Souls of The Black Folks* foi traduzido para o português e disponível para os leitores brasileiros (Du Bois, 1999). Seguindo pensadores como Aldon Morris (2015), argumentamos que Du Bois não deveria ser tratado como mero estudante de Weber mas, antes, uma peça da significativa equação na disciplina da sociologia.

Um aspecto impressionante do *The Souls* é a natureza das multi-vozes e a variedade de gêneros de escrita no livro, no qual se combinam ficção, história, sociologia e autobiografia. A estética do livro é imediatamente atraente e a linguagem utilizada por Du Bois é nada menos que sublime, um forte contraste com a prosa sociológica do *The Philadelphia Negro*.

Como Lawrence Bobo pontuou, no coração do *The Philadelphia Negro* há uma análise do papel central do preconceito racial estruturando a experiência dos africanos-americanos (Bobo, 2000; 2012). Bobo colocou em primeiro plano as maneiras pelas quais Du Bois entendeu a relativa autonomia do preconceito racial que poderia ser, ao mesmo tempo, um conjunto coerente de julgamentos e produzir uma visão distorcida irracional que poderia até ser contra o próprio interesse dos brancos de Filadélfia. Du Bois pontuou que o preconceito racial assume formas ‘inconscientes’ ou ‘semi-conscientes’ (DU BOIS, 1996, p. 396-397). Um eco desse tipo de perspectiva e atenção ao poder de sentimentos inconscientes sobre raça pode ser encontrado nos trabalhos de Stuart Hall, como logo argumentaremos.

O tom da escrita é sociologicamente imparcial e cuidadoso. Aqui, Du Bois exemplifica o valor retórico da neutralidade. Em seu perspicaz livro *Telling about Society* (2007), Howard Becker chama isso de ‘prosa pura’ que: “ajuda a convencer o leitor, que pode não ter se decidido completamente sobre o assunto, de que o autor que produziu esses resultados não tem nenhuma opinião pessoal sobre o assunto” (Becker, 2007, p. 147). Du Bois dominou a arte da *prosa pura da sociologia* [grifos meus] durante seus



estudos em Berlim e Harvard. Contudo, diante do racismo bruto, encarnado no destino de Sam Hose, a prosa pura tinha suas limitações óbvias.

A combinação de fato e testemunho emocionante estimulou o revisor do *The Times*, na Inglaterra, a escrever que *The Souls of Black Folk* “é um extraordinário composto de *emoções* e *estatísticas*” (Gates, 1989, p. xviii). No capítulo intitulado *On the passing of the First Born*, Du Bois reflete sobre a morte de seu filho. Nessa passagem, nós não vemos somente o ‘grande quadro sociológico’ mas, também, as críticas abrasadoras ao ódio dos espectadores de “rosto pálido” que veem a morte de uma criança negra menos mortal, enquanto seu racismo torna aqueles em luto em algo menos que humanos. A raiva de Du Bois é capturada ternamente quando ele escreve sobre a ‘alegria terrível’ que ele sente quando imagina que seu filho perdido será poupado de uma vida restrita pelo véu da cor¹¹ e das humilhações do Jim Crow – “Não morto, não morto, mas liberto”. Essa passagem comunica que a violência crua do racismo e da morte-viva dos negros é mais que um registro de estatísticas compiladas desapaixonadamente.

Henry Louis Gates Jr. argumentou que não há outro texto – exceto, provavelmente, a *King James Bible* – que tenha mais impacto na formação da tradição literária dos afro-americanos. Du Bois, como mestre artesão da língua, consegue se elevar acima do véu da cor para comunicar a violência e a injustiça da segregação e do racismo. Gates sugere que, muito mais que refletir a história, *The Souls* fez história:

Como pode um trabalho ser mais história que histórico? É o que acontece quando atravessa a barreira de apenas transmitir informações e, assim, representar basicamente um ato da própria linguagem em si, um objeto a ser experimentado, analisado e apreciado esteticamente” (GATES JR, 1989, p. xvi).

Como resultado, a história é feita através da formação e organização da experiência histórica dos afro-americanos, à medida que a articulação da voz do escravo livre é feita audível através da linha da cor.

Isso não sugere que *The Souls of the Black Folks* é, simplesmente, um livro melhor que *The Philadelphia Negro*. Em vez disso, os modos da diferença literária que ele usou tem capacidades variadas para contar sobre a sociedade, produzindo diferentes forças

¹¹ A noção de véu em Du Bois opera como uma metáfora que simboliza um processo semelhante à ideia de racialização em Franz Fanon, remetendo à ideia de particularizar dois universos diferentes, o universo branco e o não-branco, ou segundo a noção de véu em Du Bois, a ideia de dentro e fora do véu.



afetivas. Cada capítulo começa com uma citação poética e uma melodia representada pela notação musical que configura o ponto da discussão como uma canção. Paul Gilroy descreve a estrutura interdisciplinar do livro:

Os capítulos um ao três são mais históricos; os capítulos quatro ao nove são, basicamente, sociologicamente focados; e os capítulos dez ao catorze, deixa essas perspectivas fixadas para trás para explorar os terrenos das artes negras, religiões e expressões culturais com uma variedade de vozes, incluindo biografia, autobiografia e ficção (GILROY, 1993, p.125).

Seguindo o linchamento público de Sam Hose, W.E.B. Du Bois fez a escolha de mudar a natureza retórica de sua escrita, colocando de lado a ciência social e usando uma série de estratégias representacionais para transmitir o criticismo social, indignação e consciência humana que possuíam poder para afetar o leitor. A escrita sociológica que parece neutra e contida corre o risco de transformar a dor das divisões e desigualdades sociais em linhas calmamente descritas da objetivação social (STEINBERG, 2007; ZUBERI, BONILLA-SILVA, 2008).

Em resumo, o exemplo de Du Bois nos mostra as vantagens e limites da ‘prosa pura da sociologia’ e a ‘imparcialidade desdenhosa’ na escrita sobre racismo. Há algo, também, na extraordinária carreira de Du Bois como escritor que aponta as vantagens de uma abordagem aberta, do exercício sociológico, à literatura e uma noção mais ampla do conhecimento das humanidades. A capacidade de Du Bois de usar outros modos – do histórico ao autobiográfico – de narrar a experiência negra de racismo e modernidade fornece um exemplo a seguir, no espírito da sugestão de Howard Becker, de que os sociólogos podem aprender algo com o que os outros contam. E também, Du Bois proporciona um exemplo do que Paul Gilroy chamou de saída das ‘perspectivas fixas’. Contudo, ele próprio refletiu que a sociologia simplesmente prestava pouca atenção:

no que diz respeito ao mundo americano da ciência e das letras, nunca ‘pertencemos’; nós permanecemos não reconhecidos em sociedades eruditas e grupos acadêmicos. Somos classificados apenas como os negros estudando negros e, afinal, o que os negros tinham a ver com a América ou a ciência? (DU BOIS, 1968, p. 228).

Embora essas palavras ainda sejam verdadeiras, houveram mudanças ou oportunidades relacionadas ao exemplo de Du Bois. Queremos explorá-las agora através de uma discussão sobre o trabalho de Stuart Hall.



O 'DU BOIS DA GRÃ-BRETANHA': STUART HALL

Entre os tributos após as notícias do falecimento de Stuart Hall em 10 de fevereiro de 2014, há uma do crítico afro-americano Henry Louis Gates Jr. que comentou que Stuart Hall era o Du Bois da Grã-Bretanha (EDWARDS, 2014). Embora Du Bois e Hall pertencessem a momentos históricos diferentes, eles compartilharam a capacidade de falar sobre raça de uma maneira atraente em uma variedade de formas e modos. Isso é evidente nos experimentos literários de Du Bois com ficção e jornalismo, mas, também, com a habilidade de Stuart Hall em endereçar questões de raça e racismo através da televisão, filme e artes. Ambos intelectuais negros tiveram uma relação ambígua com a corrente principal da sociologia, mas suas ideias são inerentemente partes da tradição sociológica. Assim sendo, seus trabalhos apontam para uma sociologia reconstruída, do tipo que queremos defender.

Stuart Hall deixou a Jamaica e foi para a Grã-Bretanha em 1951 com uma bolsa de estudos *Rohdes* para estudar no *Merton College*, Oxford. Ele iniciou o doutorado, mas nunca terminou. Hall fez sua vida na Grã-Bretanha durante o período da descolonização, contribuiu com a emergência da *New Left*¹² e se tornou uma das figuras fundadoras dentro dos estudos culturais. Seus trabalhos documentaram as experiências da diáspora negra tanto dentro de um contexto de mudanças na cultura britânica (dividida por classes), assim como dentro da duradoura reserva de racismo presente no coração da sociedade britânica.

Entre 1995 e 1997, ele foi presidente do *British Sociological Association* e, após deixar o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) em Birmingham, em 1981, foi professor de sociologia na *Open University* até sua aposentadoria, em 2002. Ele comentou, com seu humor e humildade característicos: “Então, quando o vice-chanceler da *Open University* disse: ‘Mas você trabalhou na literatura, nos estudos culturais... você está disposto a ministrar sociologia?’ E eu disse: Eu estou disposto a ministrar qualquer

¹² Segundo Hall (1961), *New Left* foi um movimento de esquerda, uma ‘terceira via’ e resposta política e teórica que se opunha aos dois blocos hegemônicos vigentes durante a Guerra Fria. Foi organizado após a supressão da Revolução húngara por tanques soviéticos e, também, pela invasão franco-britânica do Canal Suez. Ambos eventos tiveram impactos significativos, desmascarando a violência e agressão de ambos blocos hegemônicos. Link: <https://newleftreview.org/issues/II61/articles/stuart-hall-life-and-times-of-the-first-new-left>



coisa se você me der um emprego” (HALL e BACK, 2009, p. 665). Sociologia foi mais que um lar intelectual de conveniência ou necessidade.

Na *Open University*, Stuart Hall fez programas educacionais televisivos, inspirados sociologicamente, sobre a natureza da cultura britânica para cursos à distância oferecidos aos trabalhadores – particularmente mulheres – que, de outra forma, não conseguiriam acessar o ensino superior. Ele foi o interprete da cultura britânica para milhões que sintonizavam na *Open University* nas primeiras horas da manhã ou no meio da noite. O trabalho de Hall na *Open University* e no *CCCS* – frequentemente produzido em colaboração com seus/suas estudantes de graduação – focava em temas de relevância sociológica, incluindo: mídia de massas, cultura jovem, identidade nacional e racismo. Sua notoriedade enquanto intelectual público foi capturada no *The Stuart Hall Project* (2013), filme de John Akomfrah, que molda um relato de sua vida a partir dessas aparições na televisão e no rádio. Na *Open University*, Hall continuou e transformou a vertente dos Estudos Culturais que tinha raiz no movimento de educação para trabalhadores/as.

Enquanto graduando, Ben Carrington ouviu Hall fazer seu discurso presidencial na conferência anual da *British Sociological Association*, em 1996. Carrington lembrou:

Stuart Hall comentou que ele achou surpreendente ter recebido essa honra por nunca ter se considerado, e ainda não se considerar, um sociólogo. Sem dúvidas, muitos outros concordaram. Então, Hall delineou o ponto de partida para o trabalho realizado no *CCCS* durante seu período no Centro. ‘Nós fomos a Talcott [Parsons]’, Hall disse, ‘e tudo que ele rejeitava, nós líamos’ (CARRINGTON, 2009, p. 287).

Hall tinha a capacidade de falar com a experiência dos/as estudantes negros/as e a das pessoas da classe trabalhadora – [tidos] muitas vezes como objetos sociológicos. Para eles, a versão sociológica de Hall era relevante e poderosa. Carrington chamou tal versão, mais tarde, de ‘abordagem sociológica anti-sociologia’ (CARRINGTON, 2014, p. 3). Ou, devêssemos simplesmente chamar de sociologia de Hall.

Um dos aspectos-chave da Sociologia de Hall é a insistência na centralidade de um entendimento histórico – particularmente em relação a raça e ao império – o qual ele se refere como entendimento dos aspectos conjunturais de qualquer formação social. Hall comentou, no final de sua vida, que na Grã-Bretanha e, especificamente, na Inglaterra: “essa cultura vive parcialmente de um reservatório de sentimentos inconscientes sobre



raça e esses sentimentos, em particular, permanecem inconscientes porque se tratam da raça” (HALL e BACK, 2009, p. 677). Existe um eco de Du Bois aqui também. Para Hall, somente é possível compreender a cultura britânica através de uma apreciação dos traços imperiais que estão em todos os lugares na cultura, e ainda assim, aparentemente estar dissolvidos, como a doçura das plantações de açúcar no fundo da xícara de chá, essencialmente inglesa.

Inspirado pelo marxista italiano Antônio Gramsci, Hall também destacou as maneiras pelas quais a hegemonia política é combatida precisamente através da mediação da raça. Seu estudo, *Policing the Crisis* (2013), publicado em 1978 e conduzido com um grupo de graduandos de Birmingham, mostrou como o pânico moral sobre roubos nos anos de 1970 – enquanto um crime racializado – se transformou em uma forma autoritária de policiamento da crise econômica e política do período. A noção de Hall de ‘lei e ordem’ da sociedade antecipou a emergência do tatcherismo – o qual era a combinação entre livre mercado e um populismo nacionalista autoritário – que ele identificou como uma mudança na formação social da Grã-Bretanha. No 35º aniversário de lançamento do livro, Stuart Hall e seus co-autores refletiram que *Policing the Crisis*: “ao contrário de inúmeras grandes obras de análise sociológica, foi genuinamente, como um todo, preditivo com precisão” (HALL *et al*, 2013, p. xviii).

Stuart Hall disse não se considerar um sociólogo, contudo, ele seguiu por muito tempo as correntes sociológicas da América. Como um jovem de 27 anos, Hall participou de uma série de palestras dadas por C. Wright Mills na *London School of Economics* no final dos anos 1950¹³. Não estamos utilizando este fato como uma forma de legitimar Stuart Hall enquanto sociólogo. Antes, nós queremos utilizar essa pequena história pouco conhecida para recuperar as ligações intelectuais e políticas que nos convidam a pensar sobre o desenvolvimento das ideias sociológicas de forma diferente. Pois, nessas linhas intelectuais encontramos uma realização precoce de uma imaginação sociológica dessegredada.

Mills foi convidado a Londres por seu amigo de longa data e apoiador de seu trabalho, Ralph Miliband (1960), que foi membro da New Left britânica ao lado de Hall. Após o primeiro livro produzido pela New Left, *Out of Apathy* (1960), editado por

¹³ As palestras ocorreram nos dias 12, 13 e 15 de janeiro de 1959 e são reimpressas em SUMMERS, J.H. *The Politics of Truth: Selected writings of C. Wright Mills*. New York: Oxford University Press, 2008.



Edward Thompson e que inclui um ensaio de Stuart Hall, Mills publicou um artigo na *New Left Review* onde Hall era um dos editores. O artigo, intitulado *Letter to the New Left*, foi inicialmente endereçado diretamente a Miliband¹⁴. Em 3 de junho de 1960, Stuart Hall respondeu Mills se desculpando, pois era tarde demais para cumprir o prazo de publicação daquela edição, mas incluiu comentários sobre como revisá-lo para uma publicação futura.

Os relatos da correspondência tendem a exacerbar as diferenças de perspectiva entre Hall e Mills, particularmente sobre a eficácia política da classe trabalhadora como agente de mudança. Na carta, Mills sugere que os intelectuais podem ser uma fonte mais imediata de mudança radical. O biógrafo de Mills, Daniel Geary, comentou essas diferenças como reveladoras de que seus novos amigos na *New Left*, em Londres, “estavam mais enraizados na tradição marxista do que ele” (Geary, 2009, p. 185). A despeito dessas diferenças, queremos enfatizar os pontos de convergência entre a sociologia independente de Mills e a *New Left*.

O jovem Stuart Hall iniciou a correspondência:

“Eu gostei muito do artigo e achei os todos os comentários importantes. O ponto sobre nosso pensamento ser explicitamente ‘utopia’ é o que todos sentimos: e também tem um efeito decisivo em apresentar essas ideias a pessoas mais jovens que, como você diz, sentem a necessidade de uma filosofia política e são aqueles que não foram corrompidos pelos fins da ideologia”¹⁵.

Hall também menciona uma apreciação pela famosa declaração de Mills sobre a promessa da sociologia de vincular biografia e história (Mills, 2008). Na versão revisada do *Letter to the New Left*, que apareceu em setembro de 1960, Mills escreveu:

“Não seria o nosso utopismo uma fonte importante de nossa força? ‘Utópico’, hoje em dia, penso que se refere a qualquer crítica ou proposta que transcenda o meio próximo de uma dispersão de indivíduos: o meio que homens e mulheres podem entender diretamente e que eles podem, razoavelmente, esperar mudar diretamente. Nesse sentido exato, nosso trabalho teórico é realmente utópico - no meu próprio caso, pelo menos, deliberadamente”¹⁶.

¹⁴ Carta de Ralph Miliband para Charles Wright Mills em 4 de junho 1960

¹⁵ Carta de Stuart Hall para Charles Wright Mills em 3 de junho de 1960

¹⁶ C Wright Mills: *Letter to the New Left*, («Is not our utopianism») p. 261, («writing off the working-class») p. 263.



Quando Mills escreve “claro que não podemos desconsiderar a classe trabalhadora”, ele está respondendo diretamente ao criticismo de Hall. “Mas nós devemos estudar tudo isso, e de uma forma nova. Onde o trabalho exista como uma agência, com certeza devemos trabalhar com isso, mas nós não devemos tratá-lo como “A Alavanca Necessária” – como fazem os bons e velhos senhores do Partido Trabalhista, em nosso país e em outros lugares”. A referência ‘velhos senhores [filiados ao partido]’ não foi direcionado a Hall que tinha somente 28 anos naquele momento. Mills também está apelando para formas de investigação que mais tarde se tornariam a marca registrada da versão de estudos culturais de Hall.

Há dois pontos importantes de convergência entre Mills e Hall que queremos tratar. Primeiro, as conexões entre problemas privados e questões da importância de política pública tornaram-se temas-chave na escrita de Hall. Isso ocorre principalmente em seus escritos sobre identidade cultural e sua conexão com os influentes ensaios sobre 'novas etnias' (Hall 1987; 1988; 1992). Isso também ressoa com a abertura de Hall ao valor da psicanálise e, em particular, aos escritos de Franz Fanon (1980; 1986). Segundo, os pensamentos de Hall e Mills convergem sobre a insistência no entendimento da relação entre biografia e história, que é central na noção de Hall de conjuntura e primazia do entendimento histórico (HALL e BACK, 2009).

Contudo, a imaginação crítica de Stuart Hall é mais ampla, uma vez que ela abordou também as limitações da sociologia em torno de questões da raça e racismo. O que é distinto no pensamento de Stuart Hall é a centralidade da compreensão do legado da escravidão, império e racismo. Ao mesmo tempo, ele permaneceu atento às novas maneiras pelas quais a diferença é definida e marcada no capitalismo global. Para Hall, a capacidade de "viver com a diferença" é a questão-chave do século XXI (HALL, 1994, p. 361). Em seu discurso de convocação, em 1989, ao receber um diploma honorário da Universidade de Massachusetts em Amherst, Hall descreve a natureza desse desafio:

Tentei manter unido em minha própria vida intelectual, por um lado, a convicção e a paixão da devoção à interpretação objetiva, à análise, à análise e compreensão rigorosas, à paixão de descobrir, à produção de conhecimento, o qual não conhecíamos antes. Por outro lado, estou convencido de que nenhum intelectual que se preze e nenhuma universidade que queira levantar a cabeça diante do século XXI podem se dar ao luxo de desviar o olhar desapaixonado dos problemas de raça e etnia que assolam nosso mundo (HALL, 2006 [1989]).



CONCLUSÃO

Nós queremos retornar, aqui, a tempestade que está se formando no mundo sociológico. A razão disso é porque a disciplina está falhando – nos termos utilizados por Stuart Hall – em ter seu valor. Como comenta Gurminder Bhambra, a imaginação sociológica permanece segregada em duas tradições – uma negra, outra branca. Sociólogos brancos operam largamente dentro de sua zona de conforto, onde questões de raça e racismo não estão ‘realmente em minha área’, como dizem. Os colegas negros, de Robert Staples (1976) a Patricia Hill Collins (2000; 2007), argumentaram para uma visão alternativa da tradição sociológica ou, o que podemos chamar de, colorir a imaginação sociológica de forma sociologicamente diferente. Escrevendo com uma voz indesculpavelmente apaixonada, Collins argumentou que parte da limitação epistemológica da sociologia falhou em incorporar a produção criativa de conhecimento das escritoras e artistas negras que, mesmo tendo acesso negado às instituições educacionais, desenvolveram uma tradição de críticas, informadas pela experiência, das opressões interconectadas de raça, gênero e classe.

Como demonstramos, sociólogos negros são, há muito tempo, atenciosos com seus colegas brancos, aqui ilustrado em relação de W.E.B. Du Bois com a vocação científica de Max Weber, e o compromisso de Stuart Hall com a sociologia dissidente de C. Wright Mills. Como sociólogos brancos, nosso trabalho foi profundamente moldado pelos escritos de estudiosos negros, bem como pelas tradições mais amplas da literatura, música e cultura vernacular negra. Argumentamos que o envolvimento com o legado de figuras intelectuais negras como Du Bois e Hall oferece a oportunidade de promover um senso expandido do que a sociologia pode se tornar, tanto politicamente quanto também esteticamente. A proto-interdisciplinaridade de Du Bois como escritor apontou para uma possibilidade, desde há um século, de se fazer uma sociologia diferente. Seu exemplo adiciona uma possibilidade importante para o nosso argumento, uma vez que ele demonstrou o valor de se fazer sociologia com outras disciplinas e artesanatos intelectuais. Os exemplos de Du Bois e Hall convidam para a possibilidade de uma sociologia reconstruída, a qual seria conduzida artisticamente, com e através de outras disciplinas associadas dentro das artes e humanidades. Contudo, essa perspectiva e possibilidade nos parecem limitadas pelas mudanças dentro da cultura acadêmica na qual



a sociologia profissional está situada. Sob pressão da cultura de auditoria e dos estreitos processos de profissionalização, essas divisões estão se fortalecendo. Ben Carrington comenta:

A aproximação sociológica de Hall está diretamente em desacordo com o que passa pela investigação sociológica atualmente (...) Apesar de ser um dos sociólogos mais lidos, citados e influentes de sua geração, Hall provavelmente nunca teria sido contratado por um departamento de sociologia americano (CARRINGTON, 2014, p. 3)

Para Carrington, isso diz muito sobre como os processos de medição do valor acadêmico estão excluindo vozes e ideias importantes do mundo sociológico.

Nosso argumento é que o legado de figuras como Du Bois e Hall oferece uma oportunidade sociológica que pode ser adotada ou descartada. A sociologia desagregada que eles praticaram, juntamente com sua heterogeneidade no método e na escrita, fornecem um modelo para reabrir as possibilidades da prática sociológica. O que está em jogo é uma reconstrução sociológica que produz uma compreensão alternativa do que a disciplina pode incluir, começando com modos amplificadas de contar e escrever, os quais atraem um público mais amplo e inclusivo, além de possuir uma gama mais ampla de tons afetivos.

O início das mudanças que estamos discutindo já chegou em muitos aspectos. Vemos esse tipo de qualidade artística de pensar, pesquisar e escrever viva no trabalho de pessoas como Avtar Brah (1999), Yasmin Gunaratnam (2013), Gail Lewis (2012) e Nasar Meer (2015). Vários elementos-chave fornecem o pivô em torno do qual essa reconstrução precisa ser promovida. Primeiro, é a centralidade de lidar com o legado da escravidão, império e racismo em nossa compreensão do projeto da sociologia. Em segundo lugar, é necessária atenção às dimensões globais de como a questão da diferença opera no contexto da nova fase do capitalismo e como isso também é articulado através da formação de classe, gênero e sexualidade. Em terceiro lugar, seguir o exemplo de Du Bois e Hall para conduzir a sociologia com outros ofícios e através de campos acadêmicos, com o desejo de abordar problemas “sem-tetos” em termos disciplinares. Finalmente, estamos defendendo a promoção de formas criativas de produção de conhecimento que transcendem o instrumentalismo limitador que opera - particularmente no Reino Unido - na auditoria de valor público (Holmwood, 2011).



Perder esta oportunidade simplesmente deixará intacto o binarismo de uma imaginação sociológica enraizada em seu passado. A segregação sociológica enfraquece o campo como um todo, não apenas para aqueles a quem oferece um lugar racialmente desigual ao campo das ideias. Além disso, ela diminui a força intelectual da própria disciplina e sua capacidade de compreender os principais problemas do século XXI, ou, de fato, refletir no próprio currículo sociológico a diversidade cultural e racial que agora vemos em nossas salas de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMED, Sara. *On Being Included: Racism and Diversity in Institutional Life*. Durham & London: Duke University Press, 2012.

APTHEKER, Herbert (ed). *The Correspondence of W.E.B. Du Bois*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1997. Volume 1: Selections 1877-1934.

BECKER, Howard. *Telling About Society*. Chicago: University of Chicago Press, 2007

BHAMBRA, Gurinder. *Connected Sociologies*. London and New York: Bloomsbury Academic, 2014(a).

BHAMBRA, Gurinder. A Sociological Dilemma: Race, Segregation and US sociology. *Current Sociology*, California, v. 62, n. 4, p. 472-492. 2014 (b). Acesso em: <http://csi.sagepub.com/content/early/2014/03/19/0011392114524506-2.4.2014>.

BOBO, Lawrence. An American Conundrum: Race, Sociology, and the African American Road to citizenship, In: Henry Louis Gates Jr, Claude Steele, Lawrence D. Bobo, Michael C. Dawson, Gerald Jaynes, Lisa Crooms-Robinson and Linda Darling-Hammond (eds) *The Oxford Handbook of African American Citizenship, 1865-Present*. Oxford & New York: Oxford University Press, p. 19-70, 2012.

BOBO, Lawrence. Reclaiming a Du Boisian Perspective on Racial Attributes. In: The American Academy of Political and Social Science (AAPSS), 568, março, 2000, *Anais...*, p. 186-202. Acesso em: https://scholar.harvard.edu/files/bobo/files/2000_reclaiming_a_du_boisian_perspective_annals.pdf.

BRAH, Avtar. The Scent of Memory: Strangers, Our Own, and Others. *Feminist Review*, 100, p. 4-26, 2012. Acesso em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1057/fr.2011.73.pdf>

CARRINGTON, Ben. Stuart Hall: Socialist and Sociologist. *Racism Review*, fev, p. 1-6, 2014. Acesso em: <http://www.racismreview.com/blog/author/ben/>.

CARRINGTON, Ben (2001) Decentering the Centre: Cultural Studies in Britain and its legacy. In: *A Companion to Cultural Studies*, Toby Miller (ed.). Oxford: Blackwell Publishing, p. 275-297. 2001 [\[doi:10.1002/9780470998809.ch16\]](https://doi.org/10.1002/9780470998809.ch16)



CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES. *The Empire Strikes Back: Race and Racism in 70s Britain*. London: Hutchinson. 1982.

COLLINS, Patricia Hill. Pushing the boundaries or business as usual? Race, class, and gender studies and sociological inquiry. In: Calhoun C (ed.) *Sociology in America: A History*. Chicago: University of Chicago Press, p. 572-604. 2007.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge. 2000.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *The Autobiography of W.E.B. Du Bois: A Soliloquy on Viewing My Life From The Last Decade of Its First Century*. New York: International Publishers. 1968

DU BOIS, William Edward Burghardt. *The Black Reconstruction*. New York: Harcourt, Brace & Co. 1934

DU BOIS, William Edward Burghardt. *The Dusk of Dawn*. New York: Henry Holt & Co. 1940.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *The Souls of Black Folk*. New York: Bantam Books. 1989.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *The Philadelphia Negro: A Social Study*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press. 1996.

DU BOIS, William Edward Burghardt. Tradução, Introdução e Notas. In: GOMES, Heloisa Toller, *As almas da Gente Negra*. Rio de Janeiro: Lacerda ED. 1999.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *Die Seelen der Schwarzen – The Souls of Black Folk*. Freiburg: Orange Press. 2003

DRAKE, St Clair. The Tuskegee Connection. Booker T. Washington and Robert E. Park. In: *Society*, 20, 4, May-June, 1983, p. 82-92.

EDWARDS, Breanna (2014) Jamaican Cultural Theorist Stuart Hall Dies at 82. *The Root*, 2014. Acesso em: http://www.theroot.com/articles/culture/2014/02/jamaican_cultural_theorist_stuart_hall_dies_at_age_82.html.

FANON, Franz. *Black Skins, White Masks*. London: Pluto Press. 1986

FANON, Franz. *Toward the African Revolution*. London: Writers and Readers Publishing. 1980.

GATES, Henry. Loius (1989) Introduction. Darkly, as Through the Veil. In: Du Bois, William Edward Burghardt, *The Souls of Black Folk*. New York: Bantam. 1989.

GATES, Henry. *Tradition and the Black Atlantic: Critical Theory in the African Diaspora*. New York: Basic Civitas Books. 2010

GEARY, Daniel. *Radical Ambition. C. Wright Mills, the Left, and American Social Thought*. Berkeley: University of California Press. 2009.

GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. London: Verso. 1993.



GILLMAN, Susan; WEINBAUM, Alys Eve. *Next to the Color Line: Gender, Sexuality, and W.E.B. Du Bois*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2007.

GUNARATNAM, Yasmin . Presentation Fever and Podium Affects. *Case-Stories*, 18 de março de 2015. Acesso em: <http://www.case-stories.org/blog/2015/3/8/presentation-fever>

GUNARATNAM, Yasmin. *Death and the Migrant: Bodies, Borders and Care*. London: Bloomsbury Academic. 2013.

HALL, Stuart. Old and New Identities, Old and New Ethnicities. In: King, A (ed), *Culture, Globalization and the World-System: Contemporary Conditions for the Representation of Identity*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press. 1997.

HALL, Stuart. Culture, Community, Nation. In: *Cultural Studies*, v. 7, n. 3, 1994, p. 349-363.

HALL, Stuart. The Question of Cultural Identity. In: Hall, S; Held, D; McGrew, A (eds), *Modernity and Its Futures*. Cambridge: Polity Press, p. 274-316. 1992.

HALL, Stuart. *New Ethnicities*. Institute of Contemporary Arts, Documents 7, London: ICA/BFI, 1988.

HALL, Stuart. *Minimal Selves*. In: *Identity*, Institute of Contemporary Art, Documents 6, London: ICA/BFI 1987.

HALL, Stuart. Letter to Charles Wright Mills, 3.6.1960. Charles Wright Mills Papers, 1924-1965, Dolph Briscoe Center for American History, University of Texas at Austin. Box 4B374. 1960.

HALL, Stuart (2006[1989]) *The Origins of Cultural Studies*. Convocation Address University of Massachusetts at Amherst, 1989. Northampton, Massachusetts: Media Education Foundation (http://www.mediaed.org/assets/products/414/transcript_414.pdf – 22.4.2014).
[doi:10.1080/09502380902950963]

HALL, Stuart; Back, L. *At Home and Not At Home: Stuart Hall in Conversation with Les Back*. *Cultural Studies*, 23, 4, p. 658-687. 2009.

HALL, Stuart and Chas Critcher, Tony Jefferson, John Clarke and Brian Roberts (2013) *Policing the Crisis: Mugging, The State and Law and Order*, 35th anniversary edition, Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan.

HESSE, Barnor (2014) *Racism's Alterity: The After-life of Black Sociology*. In: *Racism and Sociology*, eds Wulf D. Hund & Alana Lentin, Zürich Lit Verlag, p. 141-174.

JAMES, Joy (1996) *The Profeminist Politics of W.E.B Du Bois with respects to Anna Julia Cooper and Ida B. Wells*. In: *W.E.B. Du Bois on Race and Culture*, ed. by Bernard W. Bell, Emily R. Grosholz and James B. Stewart. New York and London: Routledge, p. 141-160

HOLMWOOD, J. (2011) *The Impact of 'Impact' on UK Social Science*. *Methodological Innovations On-line*. 6(1) p. 13-17

LADNER, Joyce A. (ed) (1973) *The Death of White Sociology*. New York: Vintage Books.

LAWRENCE, Errol. (1982) *In the Abundance of Water the Fool is Thirsty*. In *Empire Strikes Back; Race and Racism in 70s Britain* Centre for Contemporary Cultural Studies London: Hutchinson, p. 95-142. [doi:10.1057/pcs.2012.22]



- LEWIS, Gail (2012) Where might I find you? Objects and internal space for the father. *Psychoanalysis, Culture & Society* Vol. 17, 2, p. 137-152
- LYMAN, Stanford (1973) *The Black American in Sociological Thought: A Failure of Perspective*. New York: Capricorn Books.
- MEDIA DIVERSIFIED (2014) Meeting Stuart Hall. *Opendemocracy* 20th February, (<https://www.opendemocracy.net/ourkingdom/media-diversified/meeting-stuart-hall>)
- MEER, Nasar. (2015) *Citizenship, Identity and the Politics of Multiculturalism*. Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- MILIBAND, Ralph (1960) Letter to Charles Wright Mills, 4.6.1960. Charles Wright Mills Papers, 1924-1965, Dolph Briscoe Center for American History, University of Texas at Austin. Box 4B374.
- MILLS, Charles Wright (2008) Letter to the New Left. In: *The Politics of Truth. Selected Writing of C. Wright Mills*, ed. by John H. Summers. Oxford: Oxford University Press, p. 255-266.
- MILIBAND, Ralph (1959) *The Sociological Imagination*. Oxford: Oxford University Press.
- MORRIS, Aldon (2007) Sociology of race and W. E. B. Du Bois: The path not taken. In: Calhoun C (ed.) *Sociology in America: A History*. Chicago: University of Chicago Press, 2007, p. 503-534.
- MORRIS, Aldon (2012) W.E.B. Du Bois: The Unforgotten Founder of American Sociology, Provost's Lecture Series, 9th February, (<https://www.youtube.com/watch?v=qaSRUDJT19k>)
- MORRIS, Aldon. (2015) *The Scholar Denied: W.E.B. Du Bois and the birth of Modern Sociology*. Oakland, California, University of California Press.
- PIERSON, Donald (1942) *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact*. in Bahia Chicago: The University of Chicago Press.
- RAUSHENBUSH, Winifred (1979) *Robert E. Park. Biography of a Sociologist*. Durham, N.C.: Duke University Press.
- RICHARDS, Nathan (2013) Absent from the Academy. The Lack of Black Academics in the UK Limits the Wider Impact of Universities. In: *London School of Economics Impact Blog*, 6th November, (<http://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2013/11/06/absent-from-the-academy/> – 12.4.2014).
- SAID, Edward (1996) *Representations of the Intellectual*. New York: Vintage Books.
- STAPLES, Robert (1976) *Introducing Black Sociology*. New York: McGraw-Hill.
- STEINBERG, Stephen (2007) *Race Relations: A Critique*. Stanford, California: Stanford University Press.
- THOMPSON, Edward. P. (ed) (1960) *Out of Apathy*. London: New Left Books Stevenson & Sons Ltd.



TOWNSEND GILKES, Cheryl (1996) The Margin as the Center of a Theory of History. In: *W.E.B. Du Bois on Race and Culture*, ed. by Bernard W. Bell, Emily R. Grosholz and James B. Stewart. New York and London: Routledge, p. 111-139.

VALLADARES, Lícia do Prado. (2018) *A Sociologia urbana de Robert E. Park*. Editora UFRJ, 2018

VALLADARES, Lícia do Prado. (2010). A visita do Robert Park ao Brasil, o "homem marginal" e a Bahia como laboratório. *Caderno CRH*, 23(58), 35-49.

ZUBERI, Tukufu & Bonilla-Silva (eds) (2008) *White logic, white methods: racism and methodology*. Lanham : Rowman & Littlefield Publishers.

Recebido em 30/07/2020

Aprovado em 15/08/2020